

manter a hidratação. Todos os animais apresentaram fezes amolecidas ou líquidas e poliúria, que são sinais de uma expansão do volume plasmático e da hidratação do conteúdo intestinal. Durante a fluidoterapia, alguns animais apresentaram desconforto abdominal, que foi controlado com a interrupção temporária da fluidoterapia e/ou redução da velocidade de administração. Esse fato sugere que alguns animais foram menos tolerantes à administração de grandes volumes de fluidos pela sonda nasogástrica do que outros. Vinte e três equinos recuperaram-se e tiveram alta de 1 a 17 dias (mediana = 3 dias) após o início da fluidoterapia enteral. Um cavalo que teve hérnia ínguino-escrotal estrangulada e foi submetido à cirurgia, foi submetido à eutanásia, trinta e um dias depois, em decorrência de laminite grave. Considerando o elevado custo dos fluidos para a administração intravenosa (cerca de R\$2,50 por litro), o emprego da fluidoterapia enteral nessa série de casos representou uma economia significativa. A fluidoterapia enteral foi uma forma prática, eficiente e barata para o tratamento e manutenção da hidratação em equinos com várias condições clínicas. A administração dos fluidos por uma sonda de pequeno calibre não interferiu com a deglutição e permitiu que os animais ingerissem alimento durante a fluidoterapia. O efeito laxativo da fluidoterapia enteral foi suficiente para resolver os casos de compactação do intestino grosso.

Efeito laxativo do fruto da *Eugenia dysenterica* em eqüinos

Comis, M.B.¹;
Lopes, M.A.F.¹;
Mellagi, A.P.¹;
Osório Silva, C.H.²

1- Departamento de Veterinária - Universidade Federal de Viçosa – MG
2- Departamento de Informática - Universidade Federal de Viçosa – MG

Os laxantes são compostos que aumentam a frequência da defecação e o volume das fezes ou diminuem a consistência das fezes. Essas substâncias são usadas no tratamento da patologia cirúrgica mais comum do trato digestivo do eqüino: compactação do intestino grosso. Os laxantes têm muitas outras indicações tais como para a profilaxia da compactação do reto e cólon menor em eqüinos submetidos a cirurgias do períneo e do reto (ex: reparação de laceração do períneo) ou com neoplasias e deformações perianais (ex: melanomas). Os principais laxantes recomendados na literatura são óleo mineral, docusato sódico, *Psyllium*, sulfato de magnésio e sulfato de sódio, mas há relatos de ineficiência e/ou toxicidade na espécie eqüina de todos esses medicamentos. Por isso, é muito importante encontrar um laxante que seja eficiente e seguro para os eqüinos. Os frutos da *Eugenia dysenterica* têm efeito laxativo em humanos, mas não há publicações sobre o seu uso em eqüinos. Esse estudo teve como objetivo determinar se os frutos da *Eugenia dysenterica* têm efeitos laxativos também em eqüinos. Seis éguas mestiças não gestantes de 3 a 7 anos de idade com peso entre 360 e 490 kg foram usadas nesse experimento. Esses animais estavam em um piquete viçoso de capim coast-cross, mas, 24 h antes do início do experimento, foram colocados em baias individuais e passaram a ser alimentados com capim elefante (*Penisetum purpureum*, Schum) maduro picado. Depois da colheita de sangue da veia jugular e de um exame clínico completo, os animais foram tratados via sonda nasogástrica com 1 g de polpa de frutos da *Eugenia dysenterica* por kg. Para facilitar a administração, a polpa foi triturada em ½ litro de água. Visando assegurar que toda a polpa fosse administrada, mais ½ litro de água foi administrado pela sonda. Os animais foram observados por 24 horas. Nesse período, os momentos das defecações e micções, bem como o aspecto e a consistência das fezes e o aspecto da urina foram observados. Outras amostras de sangue foram colhidas 6, 12 e 24 h após a administração do tratamento. As variáveis contínuas foram analisadas através da análise de variância considerando-se a estrutura de amostras repetidas dos dados.

Uma égua teve sinais de cólica moderada 3 h após a administração do tratamento. O exame transretal revelou a presença de uma compactação do cólon maior. Esse animal foi retirado do experimento e foi tratado com fluidoterapia enteral. A partir da 6ª hora após o tratamento, todos os animais apresentaram defecações freqüentes e amolecimento das fezes. Três animais ainda tinham fezes amolecidas 24 h após o tratamento. Doze horas mais tarde, a consistência das fezes tinha voltado ao normal. Não se observaram sinais clínicos de endotoxemia (ex: febre, tempo de preenchimento capilar aumentado, mucosas congestas ou cianóticas) ou desidratação (ex: diminuição da elasticidade da pele, mucosas ressecadas, tempo de preenchimento capilar aumentado). Apesar de os animais terem apresentado diarreia, não se observaram alterações significativas no hematócrito e na proteína plasmática total. Vinte e quatro horas após o tratamento, todos os animais apresentaram leucocitose com neutrofilia e contagens de leucócitos (média = 16140 células/ μ l) e neutrófilos (média = 9108 células/ μ l) no sangue acima ($p < 0,05$) do observado antes do tratamento (médias = 10510 e 5573 respectivamente). Essa leucocitose com neutrofilia pode ser simplesmente uma resposta ao estresse a que os animais foram submetidos durante o experimento, pois, em equínos, o estresse pode resultar em contagens de leucócitos e neutrófilos tão altas quanto 26000 e 14000 células/ μ l. Outra possível causa para essas alterações no leucograma seria toxicidade da planta (ex: lesão da mucosa intestinal causada pelo tratamento). A ocorrência de cólica em um animal foi atribuída à compactação provavelmente causada pelas mudanças no ambiente e na dieta 24 h antes do experimento. Esse animal estava num piquete com capim viçoso e subitamente passou a ser alimentado com capim fibroso e ficou confinado em uma baía. A formação de compactação do cólon maior após a introdução súbita de alimento com alto teor de fibra já tinha sido relatada anteriormente. Compactação do intestino grosso em cavalos alimentados com capim elefante picado também já tinha sido observada. Além disso, há evidências de que o confinamento por si só possa causar compactação do intestino grosso. Foi demonstrado nesse experimento que os frutos da *Eugenia dysenterica* têm efeito laxativo também em equínos. Outros estudos são necessários para avaliar melhor a potência desse laxante através da administração de diferentes doses em equínos sadios e com problemas clínicos tratáveis com laxantes. Também são indicados estudos para determinar os riscos de toxicidade dos frutos da *Eugenia dysenterica* em equínos.

Avaliação dos efeitos da tenotomia do flexor digital superficial sobre o casco de equínos

Moreira, M.J.A.¹;
Hussni, C.A.¹;
Crocci, A.J.¹;
Alves, A.L.G.¹;
Nicoletti, J.L.M.¹;
Thomassian, A.¹;
Watanabe, M.J.¹

1- Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia - Universidade Estadual Paulista - Campus de Botucatu - SP

A tenotomia do flexor digital superficial é uma prática cirúrgica recomendada e aplicada no restabelecimento de animais portadores de deformidades flexoras envolvendo a articulação metacarpofalângica. O casco é uma estrutura córnea complexa, onde atuam diferentes forças de ação, resultando em diferentes desgastes e deformidades. Com isto, ao ocorrer variações nas tensões exercidas sobre o conjunto flexor digital, poder-se-ia observar alterações do estojo córneo. Nove equínos adultos foram submetidos ao casqueamento visando à padronização das dimensões: ângulo da muralha (graus), comprimento da sola (medida A), largura da sola (medida B), comprimento da pinça (P) e do talão lateral (T), dos cascos anteriores direitos. Os animais foram submetidos a tenotomia do flexor digital superficial no terço médio do metacarpo direito. As medidas de comprimento de pinça, talão lateral, comprimento e largura do casco e ângulo do casco, foram realizadas no pré-operatório, aos 15, 30 e 60 dias de pós-operatório, e foram comparados em cada momento utilizando-se a análise multivariada de perfil, com 5% de significância. Nos cascos estudados foi observada elevação do talão